

## SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: DÚVIDAS DE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA<sup>1</sup>

Rita Mayara AMORIM<sup>2</sup>

Ana Cláudia Bortolozzi MAIA<sup>3</sup>

**RESUMO:** Apesar do grande acesso a informações sobre sexualidade, muitos adolescentes ainda são desinformados nessa temática. O objetivo deste estudo foi verificar quais são e como são esclarecidas as dúvidas que alunos adolescentes têm sobre Sexualidade Humana. Participaram 20 alunos, de ambos os sexos e idade entre 11 e 15 anos, do 7º ano de uma escola pública do interior paulista, que responderam a um questionário com 9 questões, para posterior análise de conteúdo. As dúvidas foram categorizadas em temas: gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e resposta sexual. Os temas de interesse foram: o uso de métodos contraceptivos, puberdade, sexo e masturbação, gravidez e virgindade. Os jovens consideraram importante conversar sobre sexualidade e relataram que procuram sanar suas dúvidas com seus pais, principalmente a mãe, com seus amigos e em internet. Conclui-se os alunos adolescentes relevaram dúvidas sobre sexualidade de cunho biológico e não recebem uma educação sexual intencional na escola. Espera-se que a escola possa assumir o papel de promover uma Educação Sexual adequada atendendo a demanda desses jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação sexual. Adolescência. Sexualidade.

### Introdução

O conceito de adolescência, bem como o de infância e de família, hoje, não são os mesmos de tempos atrás. A forma de entender a adolescência, principalmente, é fruto de um processo, dentre outros, em que a burguesia emerge, o comércio se fortalece e um forte crescimento das especializações das atividades econômicas e individualistas acontece (ARIÈS, 1981). A adolescência, até o final do século XVIII, segundo Wrobel e Oliveira (2005) era muito associada à infância, e a ideia de limitar a infância até o momento da puberdade, surgiu em por volta de 1900, sendo que a noção de adolescência como fase transitória entre infância e vida adulta, nasceu no Ocidente, assim como o surgimento da escola.

<sup>1</sup> Este texto resulta de uma pesquisa de Iniciação Científica atrelada a um projeto de Extensão (BOLSA PROEX) da primeira autora, sob a orientação da segunda autora.

<sup>2</sup> UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Departamento de Psicologia. Bauru – SP – Brasil. 17033-360 - [rm.amorim@yahoo.com.br](mailto:rm.amorim@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> UNESP – Universidade Estadual Paulista. Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Bauru – SP – Brasil. 17033-360 - [aclaudia@fc.unesp.br](mailto:aclaudia@fc.unesp.br); UNESP – Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - [aclaudia@fc.unesp.br](mailto:aclaudia@fc.unesp.br).

As crianças/adolescentes eram considerados como adultos em miniatura, sem grandes interesses aos adultos, e é quando a escola entra em vigor é que criança deixa de estar cercada a todo momento por adultos e em um padrão de aprendizagem direta, através do contato com eles. Neste período, a criança passa a ter um valor antes não experienciado, o que leva a seus pais se organizarem em torno dela, interessados em seus estudos e deveres. Para Ariès (1981), o entendimento do que é infância e adolescência esteve sempre ligado à escola, sendo que os “agrupamentos” de alunos para assistirem as aulas ocorriam sem muito critério até certo período, mas depois, em alguns momentos as mudanças físicas passaram a determinar, de certa forma, quem estudaria com quem.

A ideia de que a adolescência foi construída historicamente é também compartilhada por Ozella (2002), que entende o surgimento desta proposta de “fase” de desenvolvimento como proveniente de uma demanda gerada pelo desemprego da sociedade capitalista moderna e da necessidade de corresponder a expectativas técnicas colocadas, retardando assim o início dos jovens no mercado de trabalho.

Wrobel e Oliveira (2005), então, entendem que a adolescência é um período em que o indivíduo se separa do mundo infantil e de seus modelos de relacionamento desse período. Assim, segundo os autores, a adolescência passa a ser tema de estudos, e conhecimento sobre ela são produzidos. Ozella (2002) levanta alguns desses estudos e alguns autores que trabalharam o tema, e aponta que houve uma tendência a explicações naturalistas para a adolescência, em outras palavras, é como se o adolescente tivesse um psiquismo característico e que todos os conflitos e confusões desse período são resultantes dos impulsos sexuais presentes na idade.

Da mesma opinião, Quadrado (2008) aponta que sobre esse período transitório, no qual a adolescência é caracterizada, muitos discursos surgiram, tanto da área da biologia, como da psicologia. Segundo o autor, aquela foca nas mudanças corporais e fisiológicas, e nas diferenças de gêneros, e a segunda acabou produzindo significados “essenciais” a comportamentos e posturas associadas à adolescência, como por exemplos rebeldia e instabilidade emocional. Para Ozella (2002) a concepção de adolescência é uma construção histórica e não como uma fase natural do desenvolvimento. Tal ideia vai ao encontro do que foi apresentado anteriormente sobre o surgimento de adolescência como forma de

determinada classe social e um modelo de sociedade específico para manter seus filhos por mais tempo longe do trabalho e lhes assegurar maior tecnificação.

Quadrado (2008) compreende, da mesma forma, que a adolescência foi construída pelo homem através do tempo, ou seja, historicamente, como representação, fato social e psicológico. Defende, ainda que definir a adolescência é além de descrição, e sim produção de significações que referenciam a constituição de sujeitos enquanto adolescentes, ou seja, reproduz modos de ser e de viver tal etapa da vida.

A partir da concepção de que a adolescência é construída sócio-historicamente, não se nega a presença de mudanças presentes no período, assim como em outros momentos da vida, mas existem alterações características. E para Wrobler e Oliveira (2005), com essas mudanças, que podem ser hormonais, físicas e sociais, é comum que os adolescentes alterem seus interesses, seu comportamento social, o que reflete diretamente na sua qualidade de vida. Esses autores, também, entendem que por conta dessa fase do desenvolvimento o comportamento torna-se um fenômeno complexo e intensamente relacionado aos acontecimentos passados em sua vida e de quem o rodeia, como também do ambiente em que se encontra. Assim, entende-se que é preciso proporcionar um ambiente solícito às dificuldades adolescentes.

Palácios (2004) descreve que no período da adolescência há um conjunto de mudanças fisiológicas ligadas à transição da infância para a vida adulta e a capacidade reprodutiva do sujeito, chamado de puberdade. Para esse autor, a puberdade se refere ao período do processo de construção do sujeito no qual surge as atividades hormonais que desencadeiam os caracteres sexuais secundários. Modificações fisiológicas como essas e outras, como sociais e psíquicas, também acontecem em outros momentos da vida do indivíduo, e por essa razão, autores como Maheirie, et al. (2005), apontam que muito do que é levantado como característico de um adolescente, também se faz presente em outras etapas da vida, por exemplo, na vida adulta. Entendendo que assim como em outros momentos da vida o indivíduo precisa lidar com mudanças em todos os aspectos, é também na adolescência que terá que conviver com questões ligadas a sexualidade, que é entendido como um fenômeno da existência humana em completude, pelos mesmos autores.

Mas, então, de que se trata a sexualidade? Para Figueiró (2006), a sexualidade inclui o sexo, afetividade, prazer, sentimentos mútuos de bem querer, comunicação, bem como valores e normas morais que a cultura coloca sobre o comportamento sexual, sendo que cada cultura tem suas particularidades. Em outras palavras, é um conceito que abrange a estrutura biológica, ao envolver a manifestação do impulso sexual, como também aspectos que foram sendo construídos sócio-historicamente, como o desejo, a representação desse desejo, e as formas de se buscar um objeto sexual (RIBEIRO, 2005).

Partindo do pressuposto de que sexualidade, então, é uma demanda da adolescência e, é claro, de outras fases da vida, Abramo (2007) discute que o número de ações e programas destinados a adolescente e aos jovens ainda é muito escasso, porém grande parte do que existe nessa instância é desenvolvido nas áreas da saúde, abordando a sexualidade e a prevenção de doenças sexualmente, e da cultura. O tema em questão é levantado pelos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o qual propõe que a Educação Sexual deva ser inserida na educação formal como tema transversal, em outras palavras, que seja apresentado pelas várias áreas do conhecimento, perpassando todas elas, planejando previamente e também de maneira “extra-programada”, na qual dúvidas, comentários e situações provenientes do ambiente escolar, serão aproveitados como momentos para Educação Sexual Informal, espontaneamente (FIGUEIRÓ, 2006).

Sobre tal assunto, Maia (2004) aponta que a simples aplicação dos conceitos ou das propostas em educação sexual sem preparo adequado dos educadores pode gerar consequências insatisfatórias. A autora ainda assinala que a Educação Sexual feita por educadores despreparados ou que, de alguma forma, não são capazes de lidar bem com a sua sexualidade, pode levar a uma deseducação. O problema do despreparo dos professores para trabalhar o tema da sexualidade em sala de aula é também discutido por Figueiró (2006), que aponta a preocupação, insegurança e até temor dessa categoria com relação ao assunto.

Maia (2004) discute que em muito do que se observa da educação sexual atual nas escolas, os assuntos mais presentes e levantados são relacionados aos prejuízos e possíveis malefícios da relação sexual, ou seja, doenças sexualmente transmissíveis, em particular a AIDS, e a gravidez na adolescência em detrimento de discussões psicológicas e sociais. Para a autora, as escolas passam a reproduzir a

ideia da sexualidade genitalizada, contrária ao conceito amplo defendido aqui. Assim, entende-se que esse tipo de proposta deve ir além da simples informação, promovendo a transformação no processo de educação sexual de forma mais ampla.

A Educação sexual nas escolas é uma necessidade porque é direito dos alunos adolescentes receberem os esclarecimentos que muitas vezes não têm com a família ou outros meios. Pensando dessa forma, o presente trabalho parte da ideia de que ouvir e dar espaço para o próprio adolescente apontar e acusar o que quer saber sobre sexualidade é uma maneira de conhecer este público e assim, traçar medidas de Educação Sexual focadas nas reais demandas desse jovem, visando o processo de educação sexual mais abrangente e coerente à realidade.

O objetivo geral deste estudo foi verificar quais são e como são esclarecidas as dúvidas que alunos adolescentes de uma escola pública do interior paulista têm acerca da Sexualidade Humana.

## **Método**

Esta pesquisa teve parecer favorável de um Comitê de Ética em Pesquisa de uma Universidade pública, sob processo nº 6732/46/01/11. Os participantes e seus pais foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e seus procedimentos e de que o sigilo do conteúdo e dos nomes dos participantes seriam resguardados.

**Participantes:** 20 alunos sendo que destes, 12 eram do sexo feminino e 8 do masculino. As idades variam de 11 anos e 5 meses à 15 anos e 2 meses. Todos estavam matriculados no 7º ano de uma escola de ensino fundamental de uma cidade no interior paulista. Os alunos serão chamados neste estudo pela letra maiúscula “A” seguida dos números ordinais de 1 ao 20.

**Materiais:** Foi utilizado um questionário elaborado pelos autores que continha perguntas sobre a temática da sexualidade humana. As perguntas eram alternadas entre “fechadas” e “abertas”, sendo que após essas, sempre era solicitado que o participante justificasse abertamente em poucas linhas sua resposta. O questionário continha 9 questões, além de espaço para o participante especificar sua idade e sexo, porém sem nenhuma identificação por nome.

**Procedimento:** Para a aplicação do questionário, fez-se necessário a apresentação aos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por

seus pais e responsáveis por se tratarem de menores de idade, permitindo o uso de suas respostas para a pesquisa. A aplicação foi coletiva, isto é, os questionários foram distribuídos na sala de aula em que todos os alunos estavam presentes. Após esclarecimentos gerais, os alunos responderam individualmente o questionário. Só foram considerados os questionários cujos pais haviam autorizado a participação de seus(uas) filhos(as) e os demais foram descartados. Os dados foram analisados qualitativamente por meio da análise de conteúdo e foram consideradas todas as respostas apresentadas pelos participantes.

## **Resultados**

### **1. Avaliação de alunos adolescentes sobre conhecimento de sexualidade**

Oito jovens consideram seu conhecimento sobre sexualidade “satisfatório”. As justificativas apresentadas foram: “porque vi na internet”, “porque converso com amigos”, “porque quando eu crescer não preciso aprender sobre sexualidade”, “porque minha mãe ajuda”. Os jovens que se consideram bem informados citaram o diálogo com colegas, a internet e a mãe como fontes de informações. Os demais jovens consideram “insatisfatório” ou “em parte” seu conhecimento sobre sexualidade. As justificativas apresentadas referem-se a não saber muito e a necessidade de aprender mais, como, por exemplo: “porque é muita coisa para conhecer sobre doenças que sei muito pouco”, “porque não sei quase nada do assunto, eu preciso aprender mais”.

### **2. Diálogo dos alunos adolescentes sobre sexualidade**

Quando os adolescentes têm dúvidas sobre sexualidade, oito deles costumam conversar com os pais, especialmente a mãe. Mas muitos adolescentes (12) não costumam conversar e justificam: “não gosto de tirar dúvidas”, “eu fico quieto na minha”, “porque sou muito novo”, “porque tenho vergonha”.

Para oito jovens, os pais foram citados como pessoas adequadas para se conversar sobre sexualidade por que consideram que “são mais discretos”, porque “eles me entendem”, porque “tiram dúvidas”. Os amigos também foram citados. Quatro jovens avaliam esse diálogo como “satisfatório” porque “a mãe sabe quase

tudo” e “porque o que eu pergunto é sempre respondido da maneira que eu entenda” e os outros quatro avaliam esse diálogo como sendo “razoável”, porque “para, mim está pouco”, porque “a maioria das vezes eu entendo e algumas não”. Os professores ou médicos não foram citados como pessoas com que os alunos dialogam sobre sexualidade.

### 3. Dúvidas dos alunos adolescentes sobre sexualidade

Os alunos listaram questões sobre a sexualidade que tem dúvidas. O maior número delas referiu-se à gravidez, seguido de métodos contraceptivos. As dúvidas, portanto, concentram o tema da fisiologia/reprodução. A Tabela 1 abaixo mostra os agrupamentos de perguntas/dúvidas apresentadas pelos alunos.

**Tabela 1 - Agrupamento de dúvidas/questões dos alunos adolescentes<sup>4</sup>**

<b>Categorias: assuntos</b>	<b>Registros dos adolescentes (“sic”)</b>	<b>N</b>
<b>Gravidez</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Ai eu tenho dúvida se é fácil pegar filhos e dúvida se pode transar quando você está grávida. Se transar você pega mais filhos? (A1)</i></li> <li>- <i>Sobre as meninas que já é mosa pode ficar grávida. (A3)</i></li> <li>- <i>Se a primeira vez dói e se fazer sexo menstruada engravida? (A9)</i></li> <li>- <i>Quando a pessoa é jovem e sabe que está grávida tem um perigo a mais? (A15)</i></li> <li>- <i>As minhas dúvidas são que é verdade que quando nós meninas quando viramos mossas menstruadas se ter relação sexual com uma outra pessoa já pode ficar grávida. (A18)</i></li> </ul>	<b>5</b>
<b>Todos os assuntos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Bem, todas. O que você poderem me consentizar tá ótimo. (A2)</i></li> <li>- <i>Tenho dúvidas de várias coisas, mais no momento não me alembro. (A13)</i></li> </ul>	<b>2</b>
<b>Nenhuma</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Eu não tenho nem uma dúvida. (A4)</i></li> <li>- <i>Não tenho dúvidas por enquanto sobre as coisas. (A12)</i></li> </ul>	<b>2</b>
<b>Métodos contraceptivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Mulher usa camisinha. (A7)</i></li> <li>- <i>A primeira vez que nós for fazer sexo tem que usar camisinha. (A14)</i></li> </ul>	<b>2</b>

<sup>4</sup> Respostas na íntegra.



<b>DSTs</b>	- Quando um casal faz sexo e somente um usa preservativo tem como pegar uma doença? (A15)	<b>1</b>
<b>Resposta sexual</b>	Como chama um líquido branco que sai do pênis. (A19)	<b>1</b>
<b>Resposta em branco</b>		<b>8</b>
<b>total</b>		<b>21</b>

**Fonte:** Elaboração própria.

Quando perguntados sobre os temas gerais de interesse alguns foram citados: Uso de métodos contraceptivos (A1), DST (A2, A7), Puberdade (A6), Sexo e masturbação (A8, A14), Gravidez (A9, A18) e Virgindade (A20).

Apenas dois alunos acham que “não” é importante na juventude falar sobre sexualidade. Um não justificou e o outro disse que “isso se aprende sozinho”. Os outros 18 acham que “sim” e as justificativas foram diversas agrupadas em: 1) É necessário esclarecer dúvidas e ficar bem informado; 2) Evita consequências/autocuidado; 3) Porque sim e 4) Outros.

Tabela 2 - Justificativas sobre a importância em se falar sobre sexualidade de 18 alunos adolescentes<sup>5</sup>

<b>Justificativas</b>	<b>Registros dos adolescentes (“sic”)</b>	<b>N</b>
<b>É necessário esclarecer dúvidas e ficar bem informado</b>	<i>Porque si você estiver em duvida de alguma coisa devi perguntar. (A1)</i> <i>Porque para nosso ficar bem alertos e bem informados. (A4)</i> <i>Porque quando eu crescer eu já vou ter o conhecimento sexual. (A5)</i> <i>Porque agente aprende mais. (A7)</i> <i>Porque é bom nós ficarmos informados. (A9)</i> <i>Eu acho importante falar sobre sexualidade, porque ai eu vou aprender mais sobre sexualidade. (A11)</i>	<b>9</b>

<sup>5</sup> Respostas na íntegra.



	<i>Porque é bom as pessoas saber sobre sexualidade para aprender mais. (A12)</i> <i>Porque eu acho que é importante. (A13)</i> <i>Porque eu quero aprender tudo que eu não sei. (A14)</i>	
<b>Evita consequências / autocuidado</b>	<i>Para evitar muitas coisas ruins. (A2)</i> <i>Para as pessoas si cuida. (A3)</i> <i>porque agente se previne das doenças. (A6)</i> <i>Para que eu possa saber das coisas com facilidade e fazer o que é certo e errado. (A17)</i> <i>- Porque tem muitas meninas como eu que já são menstruadas e por não saber sobre o assunto ficam grávidas na adolescência. (A18)</i>	<b>5</b>
<b>Por que sim</b>	<i>Não sei falar. (A10)</i> <i>Sim. (A20)</i>	<b>2</b>
<b>Outros</b>	<i>Com minha namorada só. (A8)</i> <i>Porque sexualidade está no dia-a-dia. (A19).</i>	<b>2</b>
	<b>total</b>	<b>18</b>

**Fonte:** Elaboração própria.

## Discussão

Alguns jovens ao avaliar o conhecimento que dizem ter sobre sexualidade o consideram como sendo “satisfatório”, justificando, muitas vezes, a fonte de informação que recorrem para tais informações. Nota-se que a internet, amigos e pais compõem essas fontes para muitos de que responderam que perguntam ou buscam resposta para suas dúvidas, porém é importante dizer que esse tipo de informação muitas vezes é precário e superficial. Sabe-se que se tratando especificamente da internet, embora seja um veículo de grande alcance aos jovens, nem todas as páginas e portais virtuais tratam da sexualidade de modo adequado. Torres, Beserra e Barroso (2007) discutem que tais meios de comunicação podem negligenciar a educação sexual, ao tratar a sexualidade com sensacionalismo, visando outros fins como obtenção de grande audiência, sem resultados e reais interesses educativos.

Ainda sobre quando procuram alguém para sanar suas dúvidas sobre a sexualidade, alguns adolescentes relataram que as respostas obtidas por eles foram consideradas “razoáveis”, por não serem compreendidas ou por serem insuficientes. Este ponto sugere que por mais que algumas famílias, de alguma forma, se proponham a responder seus filhos quanto às questões sobre sexualidade, muitas vezes, não conseguem atender às suas expectativas. A razão para esta possível inabilidade com o tema, é apontado por Guimarães, Vieira e Palmeira (2003) que afirmam que os adultos têm dificuldade em lidar com sua própria sexualidade, além de também terem informações distorcidas da realidade do assunto.

Dos participantes que responderam terem dúvidas sobre sexualidade, grande parte gostaria de saber mais sobre gravidez e como preveni-la, outras dúvidas foram sobre doenças sexualmente transmissíveis e resposta sexual. De fato, há um conhecimento restrito de informações sobre essas doenças ou até mesmo equivocadas, como apontam Marques, et. al. (2006) em seus estudos em que adolescentes associaram DSTs a outras doenças, além de desconhecerem alguns cuidados para a prevenção.

A maioria dos adolescentes participantes da pesquisa acredita que é importante falar sobre sexualidade. Alguns deles justificaram que ao conhecer mais sobre o assunto, é possível haver um maior autocuidado, e com isso, evitar consequências, como uma gravidez fora de hora. O trabalho de Torres, Beserra e Barroso (2007) corrobora com esse dado, apresentando falas de jovens que se queixam de não poderem falar mais com seus pais sobre o assunto, e expondo que seria melhor se pudessem conversar sobre isso, com o intuito de prevenir situações indesejadas relacionadas ao tema. Ou seja, os jovens alunos mostram-se cientes da necessidade de conhecimento visando à prevenção.

Por fim, vale destacar que nenhum aluno citou a escola ou a figura do professor como uma fonte de informação ou um local onde podem esclarecer suas dúvidas, contrariando a indicação de alguns autores sobre a necessidade da educação sexual na escola (MAIA, 2004; FIGUEIRÓ, 2006).

### **Considerações Finais**

Pode-se apontar que os adolescentes deste estudo têm dúvidas sobre sexualidade e, em sua maioria, procuram saná-las, seja com os meios de comunicação aos quais têm acesso, seja com seus pais ou amigos. De alguma

forma, alguns deles são atendidos por tais fontes, mas nem sempre os jovens avaliaram como satisfatória a qualidade das informações recebidas. Os alunos adolescentes relevaram dúvidas sobre sexualidade principalmente de cunho biológico e não recebem uma educação sexual intencional na escola. Assim, entende-se que a partir da existência de dúvidas e do interesse desses jovens em serem esclarecidos, faz-se necessária uma instrução focada em suas demandas e preocupada em ir além da simples informação, promovendo uma Educação Sexual de forma mais ampla e adequada.

A escola, então, passa a ter papel fundamental neste propósito, podendo provocar no adolescente um sentido de responsabilidade e compromisso com a sua sexualidade, ao abordar o tema com seriedade. Com professores e equipe habilitados para este trabalho, os alunos poderão compreender o desenvolvimento psicosexual pelo qual estão vivendo. O ambiente escolar também pode e deve fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade.

## **SEXUALITY DURING ADOLESCENCE: DOUBTS OF PUBLIC SCHOOL STUDENTS**

**ABSTRACT:** *Although having a large access to information during adolescence, many teenagers are still uninformed on this subject. The aim of this study was verifying which and how are clarified the doubts that students have about Human Sexuality. In this study, 20 students from both genders, from 11 to 15 years old and from the 7<sup>th</sup> grade attended and answered a questionnaire with 9 questions. The doubts have been categorized in themes: pregnancy, sexually transmitted diseases, contraceptive methods and sexual response. The themes of interest were: the usage of contraceptive methods, puberty, sex and masturbation, pregnancy and virginity. The young reported that is important to talk about sexuality and they have their doubts explained with their parents, mainly the mother, with their friends and also with the internet. It is concluded that the adolescent students revealed doubts about the biological sexuality and did not receive an intentional sexual education at school. It is expected that the school can assume a role of promoting an adequate Sexual Education attending to the demand from these teenagers.*

**KEYWORDS:** *Sex education. Adolescence. Sexuality.*

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Edição Especial – Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, n.5-6, p.25-36, mai./dez., 1997.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.7, n.1, jun./dez., 2006.

GUIMARÃES, A. M. D. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.11, n.3, p.293-298, mai./jun., 2003.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

MAHEIRIE, K. et al. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.3, p.537-542, set./dez., 2005.

MARQUES, E. S. et al. O conhecimento dos escolares adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v.8, n.1 p.58-62, 2006.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L.; Koller, S. (Org.). **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: CFP, 2002.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência? In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADRADO, R. P. A adolescência como construção sócio-cultural e histórica. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar** - Caderno pedagógico anos finais. 2. ed. Rio Grande: FURG, 2008. p.10-14.

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e educação infantil**. Cadernos CECEMCA. Brasília: Ministério da Educação. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2005. p.16-33.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.296-302, jun. 2007.

WROBEL, V.; OLIVEIRA, C. H. **Os desafios na adolescência**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.